



GUIA
DE GÊNERO E
SEXUALIDADE
PARA EDUCADORES(AS)

introdução

A escola, como parte integrante da sociedade, reproduz relações de desigualdade entre meninos e meninas, entre brancos e negros, entre heretossexuais e pessoas LGBs, entre **cisgêneros**, transsexuais e travestis. E sendo a escola o primeiro espaço de sociabilização, é lá que crianças e adolescentes convivem, pela primeira vez, com todas essas diferenças.

Assim, a escola tem um papel muito importante no combate das desigualdades a partir:

A palavra "cisgênero" é um conceito novo, e é aplicado às pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído no momento do nascimento

**da
promoção
e respeito
das
diferenças**

e

**de uma função
privilegiada no
que se refere à
aprendizagem
de papéis sociais
e sexuais por
parte dos alunos
e alunas.**

A ideia de que é natural/normal ser heterossexual e sentir desejo sexual pelo gênero oposto ao que uma pessoa se identifica.

Esses papéis sociais estão atrelados às matrizes de gênero, de modo que certos modelos de conduta são esperados de meninos, e outros de meninas. E essas expectativas não estão associadas ao sexo biológico, elas são construídas **socialmente através dos tempos!**

Os papéis se estruturam de modo binário, com os pólos opostos masculino-feminino, marginalizando qualquer expressão fora dessas polaridades, e se associa à **heteronormatividade**.

No Brasil, essa relação de desigualdade se revela, por exemplo, na violência contra a mulher, na disparidade salarial entre mulheres e homens e na violência contra a população LGBT, que é marginalizada justamente por fugir desses papéis sociais associados ao gênero!

Como a heterossexualidade e o binarismo, por exemplo



Bom, se o ambiente escolar, como parte da sociedade, pode reproduzir relações de desigualdade, quer dizer que muitas vezes a escola reitera discursos que reforçam as polaridades e assimetrias de gênero, certo?

É por isso que a escola pode - e deve - combater as desigualdades, promovendo um espaço democrático e inclusivo, um espaço para todos e todas. Isso quer dizer que, ao reivindicar a igualdade de gênero na educação, reivindica-se um sistema escolar inclusivo!

Infelizmente, sabemos que isso ainda é um desafio para educadores e educadoras. O contexto atual de conservadorismo reforça o tabu em torno desses temas, dificultando ainda mais a promoção da igualdade e do respeito às diferenças dentro da escola.

Neste guia, você encontra as informações que precisa para iniciar a discussão sobre gênero e sexualidade nos espaços educativos onde atua, e também acessa uma atividade pensada exclusivamente para educadores que, assim como você, desejam transformar a realidade de forma crítica, participativa e plural.

Boa leitura!

Equipe Viração Educomunicação

Vamos começar do começo? Sexo, identidade de gênero e orientação sexual

Bom, antes de mais nada temos que esclarecer alguns conceitos que muitas vezes são confundidos: sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual.

Sim, são três coisas bem diferentes!

sexo biológico gênico

Quando falamos em **sexo**, nos referimos ao sexo biológico, ou seja, a **genitália** com que a pessoa nasce. Só existem dois tipos de sexo: o feminino (vagina) e o masculino (pênis).



Identidade de gênero

Para discutir Ser homem, Ser Mulher

Animação

Era uma vez Outra Maria:

<http://bit.ly/2xM57g>

Minha Vida de João:

<http://bit.ly/2xa62aS>

As pessoas nascem com vagina, pênis ou, em casos mais raros, intersexuais, mas **aprendem a ser meninos e meninas**. A ideia de que existem comportamentos característicos de pessoas que nasceram com pênis e outros, diferentes, de pessoas que nasceram com vagina, não passa de uma construção social!

Pois é, desde a infância nos ensinam comportamentos e atitudes adequados e como devemos nos relacionar com outras pessoas, tendo como base o nosso sexo biológico. Esse comportamento aprendido, que se tornou uma espécie de "lei", é o que organiza a existência de apenas duas identidades de gênero mutuamente

excludentes, e determina os **papéis de gênero em nossa sociedade**. A consequência dessa construção é que hoje se associa à masculinidade as principais decisões em todas as áreas e à feminilidade se associam tarefas e profissões menos valorizadas. Além disso, por conta desse papel social construído as mulheres cis e as mulheres trans sofrem violência, seja por conta do machismo, como é o primeiro caso, ou da transfobia, com é o caso da violência contra mulheres trans. Ou seja, essa diferença acaba criando desigualdades e preconceitos, e é aí que está o problema.

Por exemplo, o papel social da mulher é de cuidar da casa e dos filhos, enquanto o papel social do homem é de estudar e trabalhar.



Quando se reivindica, então, a noção de “igualdade de gênero” na educação, a demanda é por um sistema escolar inclusivo, que crie ações específicas de combate às discriminações e que não contribua para a reprodução das desigualdades que persistem em nossa sociedade. Falar em uma educação que promova a igualdade de gênero, entretanto, não significa anular as diferenças percebidas entre as pessoas (o que tem sido amplamente distorcido no debate público), mas garantir um espaço democrático onde tais diferenças não se desdobrem em desigualdades

Manifesto pela igualdade de gênero na educação:
por uma escola democrática, inclusiva e sem censuras,
da Associação Brasileira de Antropologia (ABA)



Orienta ção se xual

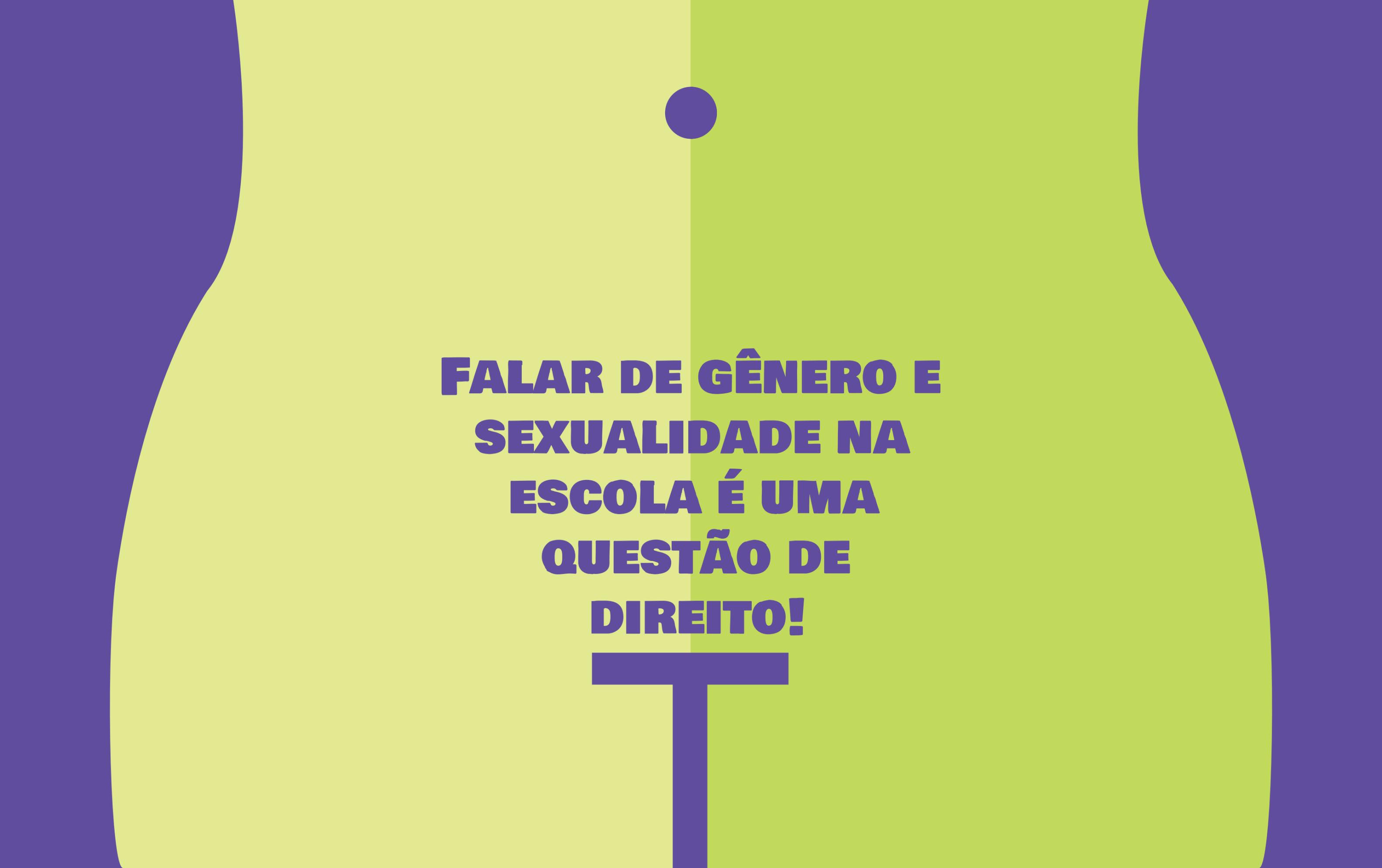
A orientação sexual é a direção para onde aponta o desejo sexual de cada pessoa. Sabemos que não existe apenas uma única forma de expressar a sexualidade, certo? Portanto, devemos acrescentar um "s" à palavra: sexualidades.

Além da violência de gênero, a construção social de gênero também reproduz a violência por orientação sexual. Pessoas com orientação sexual distinta da heterossexualidade, que é tida como "normal", são **discriminadas e marginalizadas** por não cumprirem o papel social de gênero atribuídos a elas, seja como homem - desejar uma mulher -, ou como mulher - desejar um homem.

Pessoas marginalizadas não são consideradas como parte da sociedade e, por isso, não desfrutam amplamente de seus direitos.

Assim, as questões de gênero e sexualidade podem e devem ser trabalhadas de forma transversal! Mas, antes de compartilharmos como levar esses conceitos pra sala de aula, tem mais um assunto bem importante pra gente discutir.

O preconceito e discriminação de pessoas homossexuais é crime e caracteriza a homofobia. Já a discriminação de pessoas LGBTs caracteriza a LGBTfobia.



**FALAR DE GÊNERO E
SEXUALIDADE NA
ESCOLA É UMA
QUESTÃO DE
DIREITO!**

Infelizmente, o ECA não trata da sexualidade ou dos direitos sexuais e reprodutivos de adolescentes além da maternidade e da proteção contra o abuso e a exploração sexual.

É verdade que o exercício da nossa sexualidade e a decisão sobre ter ou não ter filhos pertence a nós, e esse poder de decisão sobre o próprio corpo é fundamental pro nosso bem estar físico, social e mental.

Mas é importante entender que o poder público também tem um papel significativo na garantia desse poder de decisão, principalmente entre adolescentes e jovens, que apresentam diferentes vulnerabilidades.

Da mesma forma que o **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)** assegura uma porção de direitos à

essa população, quando o assunto é Direitos Sexuais e Reprodutivos, adolescentes e jovens devem receber uma atenção especial, já que no centro da afirmação desses direitos está o fortalecimento da autonomia e o empoderamento de meninos e meninas. É por isso que os Direitos Sexuais e Reprodutivos de Adolescentes e Jovens existe! :)



Os Direitos Sexuais e Reprodutivos são direitos humanos, pois englobam as necessidades da pessoa relacionadas ao livre exercício de sua sexualidade e reprodução. São os direitos que cada pessoa tem de tomar decisões sobre seu corpo, de maneira livre e autônoma, independentemente da idade, sexo, raça, condição social, religião, etc. sem que isto gere discriminação ou violência.

Rede Elig, 2004

Entender sexualidade e reprodução como um direito é fundamental para o combate da discriminação, da violência, e também para a reivindicação de serviços de saúde de qualidade.

Da mesma forma que o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) assegura uma porção de direitos à esta população, quando o assunto é Direitos Sexuais e Reprodutivos, adolescentes e jovens devem receber uma atenção especial, já que no centro da afirmação desses direitos está o fortalecimento da autonomia e o empoderamento de meninos e meninas.

É por isso que os Direitos Sexuais e Reprodutivos de Adolescentes e Jovens existe! :)

É importante lembrar que para que pessoas pudessem exercer sua sexualidade livremente, sem sofrer censura da família, da comunidade ou até do governo, foi preciso garantir leis para assegurar o direito à livre expressão das sexualidades!

Da mesma forma, para que pessoas possam decidir se querem ou não ter filhos, ainda é preciso muita luta para garantir o direito da escolha, que ainda não é uma realidade no Brasil.

E como trabalhar gênero e sexualidade a partir da participação?

Estimular a organização de espaços de discussão feitos pelxs adolescentes e para xs adolescentes.

Promover e apoiar espaços protagonizados por adolescentes e jovens LGBT.

Estimular a participação em manifestações como a Parada LGBT ou o 8 de março. Caso elas não existam em sua cidade, que tal pensar em organizar atividades ou manifestações com a ajuda dos alunos e alunas, da comunidade ou da escola?

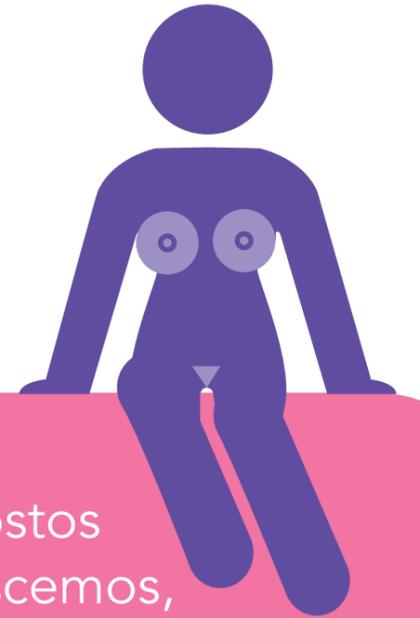
**mas
quem
lutou
por
isso?**

Os movimentos sociais organizados tiveram um papel muito importante nessa luta, principalmente os movimentos civis **LGBT** e **feminista**! Como parte da história e das lutas desses movimentos, nasce também as primeiras reivindicações sobre os Direitos Sexuais e Reprodutivos.

Foi o movimento feminista, por exemplo, que lutou para que mulheres tivessem o direito à educação e ao voto. O movimento LGBT, junto a outros movimentos sociais, conquistou a liberdade de viver e expressar as sexualidades e o prazer e ter autonomia sobre o próprio corpo.



Bom, agora já sabemos que



Sexo biológico não tem nada a ver com identidade de gênero

A identidade de gênero é uma construção social, que regra o que é "ser menino" e o que é "ser menina"

Esses papéis de gênero são impostos logo quando nascemos, e acabam criando desigualdades e preconceitos

Essas desigualdades e preconceitos muitas vezes são reproduzidos no ambiente escolar

Existem formas pedagógicas e legais de combatê-los, e isso é garantido pelos Direitos Sexuais e Reprodutivos.

Vamos levar isso pra dentro da sala de aula?

Proposta de atividade: Ser homem e ser mulher

Antes de começar, é importante lembrar que a atividade, as etapas e formas de aplicação propostas neste guia podem ser adaptadas à realidade da sua escola e até às diferentes disciplinas do currículo. Além disso, a gente recomenda que o exercício seja desenvolvido com adolescentes a partir dos 11 anos.

O objetivo da atividade é fazer com que xs alunxs:

Entendam a diferença entre sexo biológico e identidade de gênero.

Debatam sobre as desigualdades estabelecidas a partir do papel social de gênero.

Debatam sobre as desigualdades estabelecidas a partir do papel social de gênero.

Vamos lá? Primeiro momento

Desenhe uma árvore bem grande em uma folha de papel de embrulho. Peça aos participantes que formem grupos. Distribua uma folha e peça que façam um risco vertical dividindo a folha em duas partes: do lado esquerdo, peça que escrevam a palavra HOMEM e do lado direito, a palavra MULHER.

Cada grupo deve listar informações que são passadas para as crianças sobre ser menino ou menina na infância. Por exemplo: "menino não chora", "menina tem que sentar de perna fechada", "menino brinca de carrinho", "menina brinca de boneca".

Segundo momento

Distribua tiras de papel e peça que escrevam cada característica que levantaram em uma tira. Coloque o desenho da árvore na parede e peça que, quando terminarem, cada grupo fixe suas tiras na raiz da árvore, utilizando um pedaço de fita crepe.

As tiras relacionadas aos meninos devem ser fixadas do lado esquerdo e as relacionadas às meninas do lado direito. Depois que todas as tiras forem colocadas, leia cada uma delas e peça para que todos reflitam sobre quem costuma dar essas informações para as crianças.

Família, escola, sociedade, religião, mídia, grupo de amigos

Terceiro Momento

Peça que, novamente, escrevam as conclusões nas tiras mas que, desta vez, as colem no tronco da árvore. Na sequência, junto com os participantes, procure relacionar cada uma das mensagens da raiz com o que pode acontecer em uma sociedade formada por pessoas que foram educadas desta forma.

Escreva esses resultados na copa da árvore, como se fossem os frutos.

As "coisas de menino"
e "coisas de menina"

Por exemplo, se o comportamento agressivo é associado a meninos e reforçado pela família, será que isso resultaria em uma sociedade machista? Será que as mulheres teriam mais ou menos liberdade e segurança nessa sociedade?

Quarto Momento:

Aqui, é importante estabelecer o debate sobre o preconceito e as desigualdades resultantes dessa ideia do papel de gênero!

Uma sugestão é trabalhar com o vídeo “Meninas Podem ... Meninas não Podem ... Quem te disse isso?”, que está disponível no YouTube!

Depois desse vídeo, proponha que o grupo converse invertendo o título: Meninos Podem... Meninos não Podem... Quem te disse isso?

Ao final, releia todas as tiras que estão na árvore (debaixo para cima) reforçando que **a maior parte das diferenças entre homens e mulheres são aprendidas**, ou seja, uma pessoa não nasce violenta ou sensível! Ela aprende a ser assim no contato com a família, a escola, a comunidade, os meios de comunicação, o grupo de amigos/as etc.

É importante reforçar que, na adolescência, o grupo de amigos é muito importante para as pessoas exercitarem o diálogo e o afeto. Mas existe muita pressão pra que tanto

os meninos quanto as meninas sejam de um determinado jeito, ou façam determinadas coisas.

Enfatize que todas as pessoas são diferentes umas das outras, e tanto as meninas quanto os meninos têm os mesmos direitos! Ninguém precisa fazer nada que não queira se não estiver a fim, pressionar o outro a fazer o que se quer é um tipo de violência.

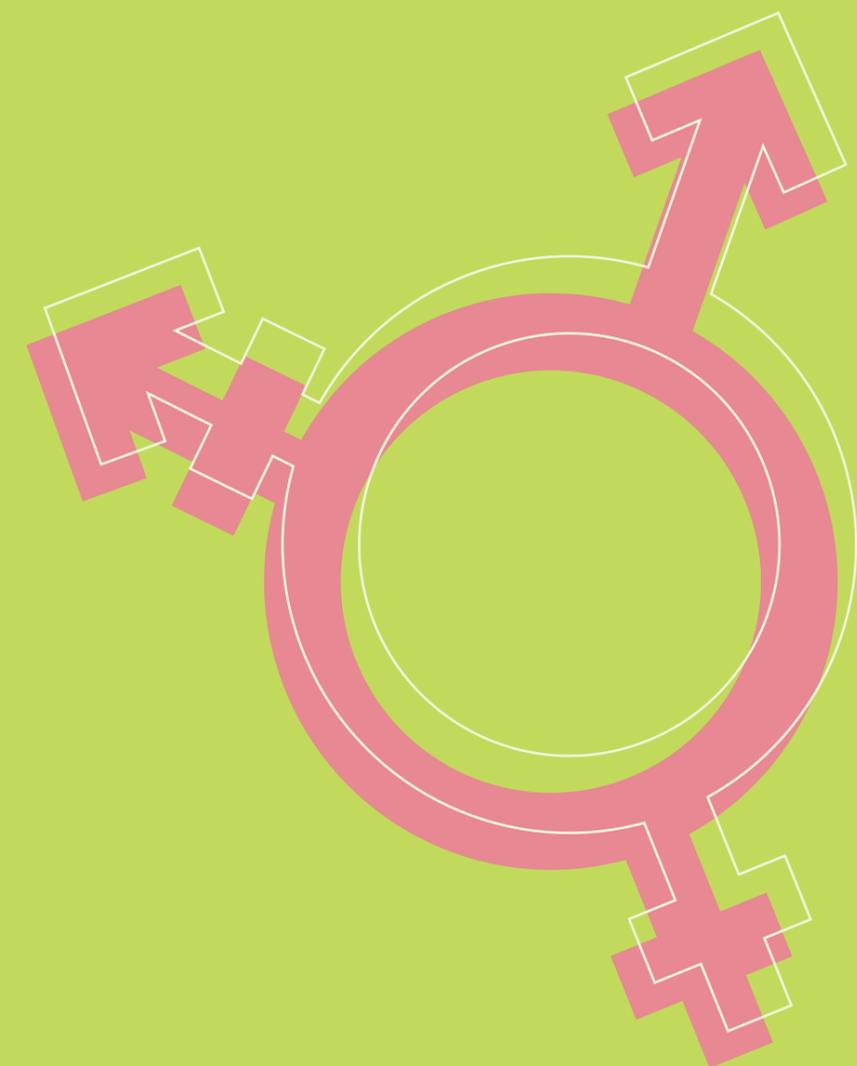
Con clu são

Estamos chegando ao fim! Mas calma, depois da atividade é importante você se certificar de que os alunos realmente absorveram as informações mais importantes. Uma boa maneira de fazer isso é retomando os objetivos principais da atividade. Será que depois desses três momentos, os alunos:

Entendem a diferença entre sexo e gênero?

Podem identificar as desigualdades estabelecidas a partir do papel social de gênero?

Conseguem identificar as formas de combater as desigualdades de gênero em diferentes espaços?



A escola é um dos espaços em que adolescentes e jovens passam um bom tempo das suas vidas, e por isso é responsável pela formação de cidadãos conscientes e capazes de participar e transformar a realidade em que estão inseridos.

Como vimos neste guia, o debate sobre gênero e sexualidade em espaços educativos é muito importante! Hoje, a violência contra a mulher está generalizada na sociedade, assim como a **violência contra a população LGBT**. Nas escolas, a violência de gênero e o preconceito causam evasão escolar e o machismo impacta o aprendizado e a auto-percepção

O Brasil é o país que mais mata pessoas LGBT no mundo! O assassinato de pessoas LGBTs caracteriza o crime de ódio, motivado pela LGBTfobia.

de meninos e meninas.

As questões de gênero e sexualidade são transversais a todos os temas, já que se tratam de questões relativas à humanidade. Transporte público? Pobreza? Mudanças climáticas? É um convite pensar todos esses temas a partir de gênero e sexualidade.

Para que a escola seja do jeito que a gente sonha, democrática, participativa e livre das desigualdades, é preciso o envolvimento de todos: alunos, pais, gestores e, claro, vocês: educadores e educadoras!

Boa sorte!

Compartilhe

 Facebook

Siga a gente

 Facebook

 Instagram

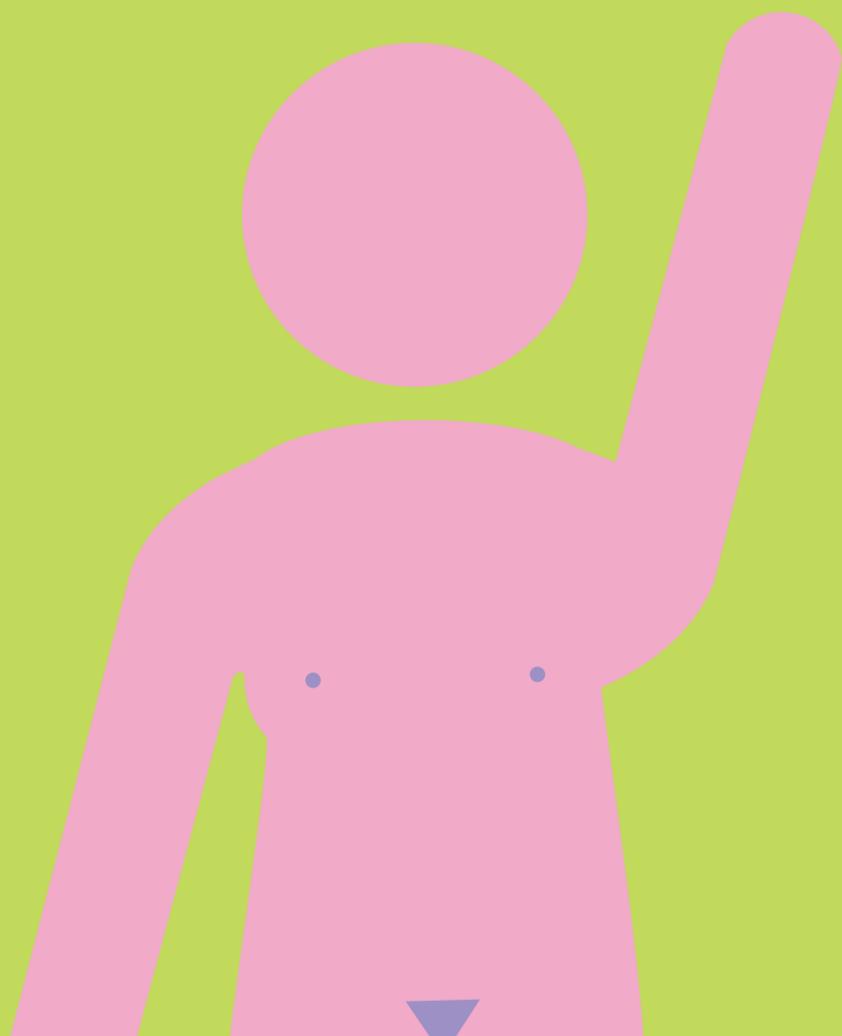
Contato

Dúvidas ou sugestões?

Entre em contato com a gente!

comunicacao@viracao.org

(11) 3237-4091





A Viração

Somos uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que atua nas áreas de educomunicação, juventudes e mobilização social. Nosso objetivo é, através da educomunicação, mobilizar adolescentes e jovens para a promoção e defesa de seus direitos, possibilitando a construção de uma sociedade justa, participativa e plural.

Por educomunicação, entende-se o conjunto de ações que visa, dentre outras práticas, ampliar a capacidade de expressão em espaços educativos e desenvolver o espírito crítico de usuários dos meios de comunicação. Desde 2003, impactamos a vida de milhares

de jovens no Brasil, por meio dos programas Revista Viração e Agência Jovem de Notícias, produtos de comunicação produzidos de forma colaborativa por adolescentes e jovens. Também prestamos consultoria e executamos projetos nas temáticas de direitos humanos, saúde, meio ambiente, educação e cultura, sempre pensados transversalmente às questões étnico-raciais e relacionadas à gênero e sexualidade.

Além da sede em São Paulo, contamos uma rede articulada de adolescentes e jovens em 22 estados brasileiros e Distrito Federal. Em 2015, fundamos a filial internacional Viração&Jangada, com sede em Trento, na Itália.

Bibliografia

SOS CORPO, Gênero e Cidadania. Direitos Sexuais e Reprodutivos . Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/direitos-sexuais-e-reprodutivos>

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 1.ed. São Paulo: Vozes, 1997. Disponível em: <http://bit.ly/2yE2mOM>

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.110-127.

VIEIRA, Vanessa ALVES et al. Gênero e diversidade sexual nas escolas: uma questão

de direitos humanos. Carta Capital , [S.l.], 17 jul. 2015. Opinião. Disponível em: <http://bit.ly/2g1LLJz>

NOGUEIRA, Pedro Ribeiro. Por que a educação deve discutir gênero e sexualidade? Disponível em: <http://bit.ly/1QTBTA7>

SOARES, Wellington . Educação sexual: precisamos falar sobre Romeo: Iana, Roberta e Emilson. Disponível em: <http://bit.ly/2y9OZFz>

SOARES, Kirstin. Saúde sexual e reprodutiva, gênero e controle social: através do ciclo da vida. 1. ed. OLINDA: [s.n.], 2004. 126 p. v. 1.

CORREIA, Vânia; ARRUDA, Silvani. Cá entre nós Guia de Educação Integral em Sexualidade entre Jovens. 1. ed. [S.l.: s.n.], 2012. 101 p. v. 1. Disponível em: <http://bit.ly/1GjF3lX>

ZAGO, Luiz Felipe; PENALVO, Claudia (Org.). Tá difícil falar sobre sexualidade na escola? 2. ed. Porto Alegre: Somos Comunicação, Saúde e Sexualidade, 2011. 97 p. v. 2.

AZEVEDO, Mariana et al. (Org.). SUA SAÚDE, SEU DIREITO!: Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos dos/das adolescentes na atenção básica. 1. ed. RECIFE/ PE: INSTITUTO PAPAÍ, 2008. 56 p. v. 01.

GONÇALVES, JULIANA et al. Por que discutir gênero na escola? São Paulo: [s.n.], 2016. 25 p. v. 01.

LIMA, Paulo et al. Eu comunico tu comunicas nós educomunicamos. São Paulo: [s.n.], 2000. 39 p. v. 01.

ADRIÃO, Maria. Adolescentes e participação política. São Paulo: [s.n.], 2000. 39 p. v. 01.

ADRIÃO, Maria. DE jovem para jovem: educação entre pares. São Paulo: [s.n.], 2000. 39 p. v. 01.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. O SUS e a Saúde Sexual e Reprodutiva de jovens no Brasil. São Paulo: MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013. 105 p. v. 01.